

# A criação da criança

Ana Clélia de Oliveira Rocha\*

Marta G. Gimenez Baptista\*\*

Suzana Magalhães Maia\*\*\*

A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê / Julieta

Jerusalinsky – Salvador, BA: Ágalma, 2011

298p. : 21 cm (De calças curtas: 9)

ISBN -978-85-85458-28-7

A autora, Julieta Jerusalinsky é uma psicanalista que conhece a Fonoaudiologia e, mais, a respeita, pois, além de sua filiação real (sua mãe é uma fonoaudióloga experiente e precursora da intervenção clínica interdisciplinar com problemas do desenvolvimento infantil) também revela nesse texto sua filiação teórica.

A escolha pela resenha do livro **A criação da criança – brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê** indubitavelmente vai na direção de trazer a *marca do trabalho clínico interdisciplinar* compartilhado em São Paulo junto à equipe coordenada pelo Prof. Dr. Mauro Spinelli – um dos responsáveis pelo início da Fonoaudiologia no Brasil; e, em Porto Alegre, do trabalho compartilhado junto ao Centro Lydia Coriat.

A publicação desse livro é um presente para nós, fonoaudiólogos, no momento que vivenciamos na profissão. Em sua história, a Fonoaudiologia já dialogou com diversas áreas do conhecimento iniciando-se com a Medicina, depois a Pedagogia e a Linguística. Neste milênio, a relação mais direta é com a Psicanálise. Deste modo, uma psicanalista que nos presenteia com o testemunho de uma clínica em que teoria e prática estão entrelaçadas e que preconiza a interdisciplinaridade, torna-se leitura obrigatória para pensarmos a especificidade, a necessidade e a importância da atuação fonoaudiológica na clínica com crianças.

Publicado em 2011 pela editora Ágalma, a autora, na introdução, apresenta a temática de seu trabalho desenvolvida em seis capítulos.

No primeiro deles, “Leitura de bebês – a intervenção clínica com o dado a ver”, a autora enuncia algo que marca e que se repete em todo o livro e que, sem dúvida, conduz sua visão clínica e teórica: na clínica com bebê o sintoma é um dado a ver, pois “*coloca em cena a organização das funções corporais – por meio do movimento, do tônus, da postura, da gestualidade, do olhar, da atividade rítmica-temporal presente nas ações realizadas ou fracassadas – fazendo comparecer, manifestando, para além das intenções do paciente, o percurso de seus circuitos pulsionais.*” (p.33).

Para a Psicanálise, é algo peculiar que exige uma reflexão acerca do método psicanalítico, pois não há como escutar um sujeito. “*Portanto, a intervenção psicanalítica, o ato de interpretação, não é relativa a uma lógica simbólica desencarnada cuja chave caberia ao analista decifrar. Na cena clínica comparece a voz, o olhar, e esse endereçamento na transferência é central para modificar as vicissitudes pulsionais implicadas no sintoma. Corpo e linguagem estão atrelados na produção do sintoma, bem como na intervenção psicanalítica ao convocar a fala do paciente.*” (p. 35).

Aqui comparece algo valioso para a Fonoaudiologia, que na clínica com bebês e com

\* Fonoaudióloga clínica, membro da equipe da Clínica Interdisciplinar Prof. Dr. Mauro Spinelli, doutora em Linguística pela UNICAMP, pós-doutoranda em Fonoaudiologia pela PUC-SP. \*\* Fonoaudióloga clínica, membro da equipe da Clínica Interdisciplinar Prof. Dr. Mauro Spinelli, doutoranda em Fonoaudiologia pela PUC-SP. \*\*\* Professora titular do programa de estudos pós graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP

crianças que não falam há uma especificidade, pois eles não podem, pela sua condição de infans, tomar a palavra.

Freud, desde os primórdios da Psicanálise afirma que criança e adulto não circulam da mesma forma na linguagem, pois para a criança é insuficiente o método da associação livre.

O texto de Julieta Jerusalinsky explicita essa questão ao afirmar que na primeira infância o sujeito comparece, pela produção e organização corporal e faz uma pergunta que conduz todo seu raciocínio – “*Como comparece o sujeito em um tempo no qual ainda não há fala e ainda nem sequer há a possibilidade do desdobramento do brincar como produção simbólica?*” (p. 37).

A resposta a tal questão pode conduzir o terapeuta a caminhos distintos que apresentam desdobramentos clínicos e epistemológicos: o método de observação de bebês, apoiado em um modelo empírico-positivista, realiza uma descrição tão detalhada e minuciosa do fenômeno quanto possível. Aposta em que tal descrição permita a mais estreita aproximação ao real do acontecimento e é sobre esse registro que o observador/clínico aplica e desenvolve um saber e uma determinada forma de intervenção. A Psicanálise reposiciona essa questão metodológica “*ao considerar que o saber inconsciente não estaria determinado a priori, mas constituído em transferência*” (p.41). Dessa maneira, o observador sai de uma posição de neutralidade e transforma-se em coparticipante do fenômeno observado, afeta e é afetado por ele.

Ao ponderar tais caminhos enfatizando que eles determinam uma ação clínica, a autora *coloca* à Fonoaudiologia repensar sua relação com a Psicanálise. A aproximação dessas áreas ocorreu porque certa Fonoaudiologia questionou a visão positivista que conduzia a uma prática clínica em que os lugares estavam marcados.

Julieta Jerusalinsky ao interrogar a práxis psicanalítica na clínica com bebês considera certa “*fragilidade*”, ou melhor, uma *hiancia* que nós, fonoaudiólogos, também devemos responder com a especificidade da nossa prática, reconhecendo o flerte com a Psicanálise, mas seguindo nosso próprio caminho.

Nesse sentido, a autora se posiciona sobre algo que a Fonoaudiologia utiliza e discute em sua prática: filmar sessões. Afirma que tal procedimento pode inclusive ser valioso complemento em termos de estudo e de registro de evolução clínica, uma

vez que as manifestações do bebê, em sua produção corporal, costumam ser bastante sutis e exige do clínico uma importante e difícil diferenciação clínica do que é dado a ver no corpo do bebê. Mas ela nos adverte, “*de nada nos servem pilhas de filmes se isso que é dado a ver e capturado na película fica a serviço de construir um conhecimento que toma o bebê como um objeto passivo em lugar de produzir uma leitura que intervém no enlaçamento do corpo do bebe à rede significante parental que sustenta sua existência a fim de possibilitar ao bebê e aos pais reinventar os modos de implicar seu gozo e saber nessa relação. Tal leitura só pode se produzir em transferência com os pais e com o bebê, caso contrário, é clinicamente inoperante.*” (p. 43).

A Fonoaudiologia contemporânea se debateu com tal questão e consegue fazer deste ato algo construtivo em sua prática clínica.

A autora segue ainda no primeiro capítulo na insistência de que, na clínica com bebês, o psicanalista deve recordar-se que a dimensão significante não se restringe à palavra falada. Os recortes clínicos que ela apresenta no final desse capítulo testemunham que nesta clínica o psicanalista não intervém apenas com a escuta ou com o olhar: “*intervimos para uma leitura, considerando que o manifesto no dado a ver do corpo do bebê implica uma rede significante*”. (p. 65)

O capítulo seguinte aborda uma questão que comparece também na clínica fonoaudiológica com crianças que não falam: *a prosódia*.

Inicialmente, a autora cita Jakobson, referência para os fonoaudiólogos que estudam a linguagem, lembrando o nome que ele dá para designar o modo como os adultos falam com bebês e crianças pequenas: *língua de babás*. Esse termo é, atualmente no Brasil, nomeado como *manhês*.

A prosódia caracteriza esse discurso inicial entre mãe e filho: “*espontaneamente, ou seja, a partir do seu saber inconsciente, as mães fazem uso da prosódia, da entonação, num momento em que aquilo que é dito ainda não pode ser entendido pelo bebê*”. (p.46). A mãe dá voz ao bebê como ao tomar suas fonações iniciais como um chamado.

A voz, para a clínica psicanalítica com bebês, ocupa um lugar central. Na clínica psicanalítica a prosódia pode ser compreendida na relação transferencial e é um *dado a ver* num sujeito ainda em constituição. Talvez, para a Fonoaudiologia, a voz e suas modulações sejam recursos terapêuticos para capturar a criança a sua própria sonoridade. Nessa

prática clínica o sujeito comparece, mesmo que em silêncio/silenciado.

O terceiro capítulo, nomeado “O bebê e a letra - inscrições constituintes nos primórdios do psiquismo” inicia com uma questão: o que possibilita ao infans a passagem das inscrições constituintes ao lugar de falante? Destacamos que esta é uma reflexão interdisciplinar, pois aparecem em todas as ações clínicas com crianças que não falam.

Comparece com o conceito de *letra* presente na teoria lacaniana como essencial permitindo ao psicanalista uma leitura disso que num bebê se mostra – dado a ver – e, *para articular esta letra a uma cadeia simbólica, condição de ser falante, a transmissão desta letra deve operar em relação a quatro operações constituintes do sujeito: esta-belecimento da demanda, suposição do sujeito, alternância e alteridade* (p.145).

Esses conceitos nos fazem pensar sobre a complexidade que está em jogo na clínica com crianças que não falam e que colocam a Fonoaudiologia diante de seus limites.

O capítulo “Maternidade e gozo fálico” é um presente para os leitores, pois aborda a maternidade na contemporaneidade. Entender o que está em jogo na relação mãe/bebê/pai na clínica é fundamental para a atuação do psicanalista. A autora enfatiza que essa relação não se define pelo biológico somente, mas pela condição simbólica para que se articulem os laços.

As vinhetas clínicas apresentadas pela autora são ilustrativas e importantes para qualquer profissional que atue com crianças na atualidade.

Dando prosseguimento, o quinto capítulo deste livro trabalha conceitos lacanianos na clínica com bebês. A autora continua sua elaboração em torno do gozo e introduz algo precioso para o exercício

da clínica: *a repetição*. “*Na clínica é fundamental ler as repetições que dão a pista, que fazem comparecer o modo como a letra parasita o corpo inscrevendo suas modalidades no gozo*” (p.170).

Ainda que opere com a questão da repetição de modo diverso, a clínica fonoaudiológica sempre se beneficia com a problematização desse tema, pois compreender que a repetição fornece indícios do sujeito e de sua família contribui para a prática fonoaudiológica.

Para finalizar, Julieta Jerusalinsky no último capítulo *entra* num universo extremamente familiar a nós, que é o do brincar, para compreendermos esta prática clínica com os bebês que ela teorizou. Aqui podemos constatar uma visão verdadeiramente interdisciplinar e a especificidade da ação e da teoria psicanalítica abrindo campo para que as outras áreas clínicas e de conhecimento, como a Fonoaudiologia, possam refletir sobre a especificidade de suas ações terapêuticas.

Enfim, Julieta Jerusalinsky ao testemunhar e teorizar a sua ação clínica, de uma maneira corajosa e generosa, expõe suas interrogações, suas certezas e um caminho que aponta na direção de pensar e vivenciar uma prática interdisciplinar.

Este é um livro indicado a todos os profissionais da área de saúde que se dedicam à clínica de crianças e bebês, e particularmente o leitor fonoaudiólogo nele encontrará caminhos para rever o exercício clínico e aprofundar a reflexão teórica.

#### **Endereço para correspondência**

Suzana Magalhães Maia

**E-mail:** [suzana-maia@uol.com.br](mailto:suzana-maia@uol.com.br)